

Unindo e articulando questões sociais e cultura local nas aulas de Arte do Ensino Médio

*Uniting and articulating social issues and local
culture in art classes of high school*

ALINE FERNANDA HUBER VICENTE LIBERATO*

Artigo completo submetido a 1 de junho e aprovado a 9 de junho de 2014.

*Brasil. Professora de Artes Visuais para Ensino Medio — Santa Branca/ Brasil.

AFILIAÇÃO: Governo do Estado de São Paulo, Secretaria Municipal de Educação do Estado de São Paulo, Escola Estadual Professor Waldemar Salgado. Rua João Pessoa Nº12, Bairro Centro, Santa Branca, São Paulo, CEP: 12380-000 Brasil.
E-mail: e045457a@see.sp.gov.br

Resumo: Este projeto, desenvolvido no Ensino Médio, trouxe para estudo e discussão, boneções da cultura do Vale do Paraíba; obras do artista Portinari; histórias, costumes e tradições da cidade de Santa Branca e diferentes linguagens artísticas, repercutindo no processo criativo dos alunos, gerando produções estéticas significativas e promovendo transformações na relação dos jovens com seu entorno e história.

Palavras chave: arte / cultura local / processo criativo / ensino médio.

Abstract: *This project, developed in high school, brought for study and discussion, boneções culture Paraíba Valley; works by the artist Portinari; stories, customs and traditions of the city of Santa Branca and different artistic languages, reflecting the creative process of the students, generating significant aesthetic productions and promoting changes in the relationship of young people to their surroundings and history.*

Keywords: *art / local culture / creative process / secondary education.*

Começando a conversa

Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia. — Tolstoi

A “aldeia” da qual falo/parto é a cidade de Santa Branca, no interior do estado de São Paulo/Brasil: pequena, rural, pacata, tradicional, com forte cunho religioso e de uma beleza e poesia ímpares, sendo inclusive chamada de “cidade presépio”, pois se parece realmente com um presépio devido a sua topografia montanhosa que lembra a cidade de Belém, na Palestina, onde nasceu Jesus. Com aparência de antiguidade, tendo por fundo, ora o céu sempre azul, ora colinas verdejantes, com clima saudável, o ar muito puro e um potencial hidrográfico ainda preservado pela população, esta cidade, guarda e propaga costumes e tradições antigas, “conservadoras e simples”, por vezes tão distantes do jovem contemporâneo, perfil dos meus alunos.

Atuando numa Escola Estadual de Ensino Médio Regular e de EJA (Educação de Jovens e Adultos), via-me diante de alguns alunos que nunca haviam saído de sua cidade, outros que não tinham acesso à luz elétrica, que não tinham (nem tem) acesso a atividades artísticas e ou culturais, uma vez que em Santa Branca não há cinema ou teatro e o lazer/diversão são as festas populares e religiosas ou rurais, além do “famoso” passeio e conversa na praça.

Partindo dessa proposta de Tolstoi, considerando o contexto apresentado acima e o fato de meus alunos há quase 10 anos na escola, não conhecerem muito sobre arte brasileira, resolvi reunir no projeto de arte que iria desenvolver com eles estas questões:

- elementos da cultura popular tradicional do Vale do Paraíba (onde a cidade de Santa Branca está localizada), vislumbrando na técnica da construção de bonecos de carnaval de São Luiz do Paraitinga, uma linguagem viável e significativa, pois estava presente também no carnaval da cidade;
- elementos da história da arte brasileira, por meio das obras de Portinari, que através de sua pintura revelou a situação social de seu povo, as alegrias, as músicas, as brincadeiras de criança, as festas e santos de devoção;
- as histórias/problemas/ambiente/cotidiano dos alunos, visando inserir a realidade destes na sala de aula, assim como validar e valorizar seus saberes e interesses, as lendas e histórias locais;
- diversas linguagens artísticas, buscando ampliar os conhecimentos, nutrir estética e tecnicamente dando oportunidade de escolha aos alunos, pois durante o desenvolvimento do projeto puderam conhecer, apreciar

e realizar desenhos, pinturas, gravuras, vídeos, graffiti (que permitiu que a linguagem dos jovens fosse mais uma vez ouvida e utilizada), além da dança, da música e do teatro.

Acreditando que meu papel como professora de arte é ser mediadora entre a arte, a cultura e os alunos, instigando, sensibilizando, provocando, enriquecendo, fazendo proposições a fim que o repertório, a poética e o fazer se ampliem e ganhem consistência e qualidade, fundamentei-me também nas citações abaixo para desenvolver minha proposta:

... o estudo da linguagem da Arte nos faz parceiros estéticos quando interpretamos e criamos significação para uma obra que olhamos e que nos olha, provocando ressonâncias em nós, abrindo fissuras em nossa percepção, arranhando nossa sensibilidade por meio de seus signos artísticos. Por isso é que certos saberes, habilidades e sensibilidades só se formam inventivamente quando há uma experimentação e experiência nas linguagens artísticas, tanto como criador quanto como leitor de práticas artísticas. [...]

Descobrir a própria poética é deixar que as marcas/pensamentos pessoais se expressem numa série de trabalhos que ajude a apurar a própria poética, seja ela nascida nos processos de criação individuais ou colaborativos. Entretanto, mesmo em jovens artistas, nem sempre é possível perceber a “processualidade” da poética, pois é a potencialidade da vida que a vai modelando (Suzigan, Picosque, Makino, Martins e Pereira, 2009).

... a escola é lugar e o momento em que se pode estudar e verificar os modos de produção e difusão da arte na própria comunidade, região, país, ou na sociedade em geral. Deste modo, o aprendizado da arte vai incidir sobre a elaboração de formas de expressão e comunicação artísticas (pelos alunos e por artistas) e o domínio de noções sobre a arte derivativa da cultura universal. [...]

Ao conhecer a arte produzida em diversos locais, por diferentes pessoas, classes sociais e períodos históricos e as outras produções do campo artístico (artesanato, objetos, design, audiovisual, etc) o educando amplia sua concepção da própria arte e aprende dar sentido a ela. [...]

Aprendemos a demonstrar nosso prazer e desprazer, gosto e rejeição, por imagens, objetos, sons, ruídos, músicas, falas, movimentos, histórias, jogos, informações com as quais interagimos e nos comunicamos na vida cotidiana... gradativamente damos forma e sentido as nossas maneiras de admirar, de gostar, de julgar, de apreciar — e também de fazer — às diferentes manifestações culturais de nosso grupo social e, dentre elas, as obras de arte. Por isso, que mesmo sem perceber educamos-nos esteticamente no convívio com as pessoas e as situações da vida cotidiana (Ferraz e Fusari, 2009).

1. O início do projeto

No mesmo momento em que iniciava o projeto com os alunos, iniciava em São Paulo a exposição “Guerra e Paz”, de Candido Portinari que trazia de volta ao Brasil os painéis de mesmo nome, doados à ONU pelo governo brasileiro, há mais de cinquenta anos.

Sendo conhecedora e grande admiradora do trabalho, poética e temática do artista e considerando que suas pinturas e desenhos retratavam e abordavam os conteúdos e assuntos que queria e necessitava ver discutidos e inseridos nas aulas/projeto, apresentei-o aos alunos e assim iniciamos a conversa.

Partindo dos painéis tão divulgados pela mídia, foi possível gerar discussões, provocações e reflexões com os alunos sobre as questões por trás dos trabalhos e da forma como foram construídos e expostos ao público. O encanto inicial motivou uma visita à exposição no Memorial da América Latina, na cidade de São Paulo que serviu para definir ser este o artista de referência e estudo para o projeto a ser desenvolvido.

Afinal, um artista que, através de suas pinturas e “poesia”, revelou ao mundo o Brasil e seu povo e continua atraindo e motivando tantos outros, era perfeito para representar a arte brasileira e suscitar o estudo e encontro com a cultura popular local.

Muitas outras atividades culturais relacionadas aos trabalhos ou temática do artista foram visitadas e apreciadas pelos alunos durante o decorrer do projeto: espetáculos de dança, teatro e orquestra, possibilitando também o deslocamento para a “capital” e espaços diferenciados e consagrados na cultura e na arte. Tudo isto com o intuito de repertoriar e ampliar os conhecimentos e o contato com diferentes linguagens da arte.

1.1 O encontro de sonhos e realidades

Ver, apreciar e sentir de tão perto os “imensos” trabalhos do artista, seus estudos e resultados finais só fez crescer a curiosidade e a vontade de conhecer mais e melhor a vida deste pintor tão brasileiro e sensível às questões e cotidiano de seu povo.

A proposta então era realizarmos uma pesquisa sobre a vida do artista, seu processo de trabalho e suas obras. Materiais como livros, sites, reproduções, fotografias, postais, filmagens e materiais obtidos de minha visita ao Museu Casa de Portinari, na cidade de Brodowski foram disponibilizados para que os alunos pudessem construir a base do projeto. As peças, músicas e balés também enriqueceram e trouxeram um maior conhecimento sobre estas questões.

Toda a pesquisa foi socializada e muitos comentários foram apresentados pelos alunos e assim, começava o encontro entre os sonhos e as realidades do artista com os sonhos e realidades dos alunos. Essas realidades tão “comuns” vieram despertar interesses, curiosidades e possibilidades por eles mesmos desconhecidas.

Os alunos que eram tão “passivos” a essas realidades, passaram a valorizar e perceber o “simples”. O “simples” que muitas vezes era tido como motivo de vergonha, de acomodação e até mesmo como destino/vocação/tradição,

passou a ser visto como ponto de partida para o possível, para a mudança, para o crescimento e oportunidade. Oportunidade de fazer, experimentar, expressar, movimentar, acreditar, sonhar, construir novas realidades, viver...

Mesmo sendo e estando em uma cidade pequena, de interior, há história; as tradições, festas e costumes são importantes, ricas e podem/devem ser valorizadas, mostradas, expostas. Os personagens e pessoas da cidade passam a ser reconhecidas e relacionadas com os personagens e figuras retratados pelo artista e assim, o olhar dos alunos para este cotidiano e contexto se modifica, amplia. O sentimento de pertença e de reconhecimento toma forma e vai se consolidando, se interiorizando em cada um dos jovens envolvidos no projeto.

1.2 A cultura local se insere

Diante deste cenário e aproveitando minha participação numa oficina de “construção de bonecos” (técnica de confecção de bonecos de carnaval) na cidade de São Luis do Paraitinga, interior de São Paulo, muito conhecida por seu carnaval tradicional (bem próximo do carnaval de Santa Branca), vislumbrei mais uma possibilidade de aliar arte e cultura por meio de uma nova linguagem.

Uma “oficina” de construções de bonecos foi montada e os alunos aprenderam a técnica de produção, para depois transformarem nos personagens escolhidos por eles. Para confeccioná-los foi preciso pesquisar obras, moradores, o espaço disponível e o material que melhor expressasse as características destes. Guarda roupas e baús da família começaram a ser visitados e “assaltados” e cada um foi contribuindo com o que tinha de material ou de informação, com sugestões e dicas, “roupas” e objetos que pudessem melhor caracterizar o retratado.

Histórias de famílias, fotografias, moradias e moradores antigos começaram a surgir, de forma tímida, nas conversas e discussões e assim, a história familiar de muitos começa a ser socializada, conhecida e valorizada.

A esta altura, o pátio da escola se transformara num grande ateliê de arte. Os alunos podiam trabalhar livremente utilizando materiais recicláveis (definido no coletivo) tais como: papéis, tecidos, plástico, arames, canos de PVC, madeira, papelão, goivas, massa corrida, fitas adesivas, jornais, tintas, colas, para suas construções.

A sala de aula se expandia, pois outros espaços foram utilizados para produção e armazenagem dos bonecos; os horários se ampliaram, pois o desejo de produzir e ver o trabalho ganhando forma e detalhes se sobrepunha ao período de aula e fazia com que muitos nem quisessem ir embora ou os traziam de volta em períodos contrários.

Curiosidade despertada, motivação, movimento e presença assídua dos



Figura 1 · Alunos trabalhando na construção de bonecos, utilizando diversos materiais. Fonte: Própria.

Figura 2 · Alunos trabalhando na construção de bonecos, utilizando fita adesiva. Fonte: Própria.

Figura 3 · Alunos trabalhando com massa acrílica. Fonte: Própria.

Figura 4 · Alunos pintando os bonecos. Fonte: Própria.

alunos culminaram numa empolgação geral, mobilizando funcionários, professores de outras áreas de conhecimento, pais de alunos e outras pessoas da comunidade que, ainda sem muita clareza, foram contribuindo com o que sabiam ou com o que podiam; compartilhando horários de aula, acompanhando grupos, orientando os alunos, sugerindo idéias, organizando espaços, coletando materiais diversos, abrindo a escola em finais de semana para continuidade do trabalho, dando consistência ao projeto com seus conteúdos/informações.

Nesta etapa foi de grande valia o envolvimento da professora de Educação Física que auxiliou e orientou os alunos quanto aos conhecimentos sobre o corpo humano, suas proporções, articulações, músculos, peso e movimentos.

Era a interdisciplinaridade e o trabalho coletivo e colaborativo acontecendo diante de meus olhos. Era a comunidade presente, participando, colaborando, se envolvendo e se emocionando. Era a cultura popular que desfilava nos carnavais da cidade ganhando vida e significado no espaço escolar e, principalmente, na vida dos alunos.

1.3 Uma nova linguagem se manifesta

À medida que os bonecos foram sendo concluídos, surgem perguntas e dúvidas, como por exemplo: “Onde ficarão os personagens? Como serão apresentados?”

Para os alunos, era preciso um cenário onde ficassem em destaque, quase que entronizados. Surgiu então a idéia de criar painéis que serviriam de fundo para estes trabalhos: vieram, os graffitis!!!! Com eles, uma linguagem atual da juventude e das ruas adentra a escola.

Esta arte considerada como “marginal” começa a ser vista de outra forma, por outro viés e com isto, vai ganhando reconhecimento. A forma de expressão dos jovens fora da escola, ganha status de arte, de expressão artística, de comunicação de ideias, sentimentos e valores. Ganha respeito. Aqueles que até então eram vistos como “pichadores, delinquentes” passam a ser vistos como produtores de arte.

Essa valorização é explicitada também nos muros da escola que se tornam suporte para os trabalhos e espaço de visitação e apreciação dos moradores do entorno e transeuntes.

Novas pesquisas e discussões ocorrem, pois o “cenário” precisa dialogar com as figuras, suas expressões e características. Para isto é preciso conhecer o contexto de cada um dos personagens, mas também é preciso conhecer e utilizar a técnica e os materiais específicos do graffiti, assim como os elementos da linguagem visual (formas, cores, texturas, proporções, perspectivas, composições, etc) de maneira a tornar as imagens mais elaboradas, poéticas e artísticas.



Figura 5 · Alunos montando boneco, preocupados com anatomia. Fonte: Própria.

Figura 6 · Alunos encontram semelhanças pessoais com boneco montado. Fonte: Própria.

Figura 7 · Fachada da escola com graffiti realizado por alunos. Fonte: Própria.

Figura 8 · Aluno realizando graffiti. Fonte: Própria.

A alfabetização e a nutrição estéticas se aprofundam.

Os alunos se apropriaram de diversas linguagens e técnicas para realizar seus estudos e compor seus trabalhos, efetivando seu processo criativo pessoal, fazendo escolhas, pensando e propondo uma apresentação, já que a esta altura, havia sido acordado que faríamos uma exposição aberta ao público, ao final do projeto.

Conclusão — Produtos, conquistas e resultados

Estudos, pesquisas, pinturas, boneções, painéis, vídeos, graffittis, entre outras produções dos alunos encontravam-se armazenados em diversos espaços da escola à espera de uma exposição.

Uma data é marcada e a semana que a antecede torna a escola uma paisagem repleta de alunos de anos e turmas diferentes se organizando e montando os trabalhos para a visitação de pais e comunidade em geral. O pequeno corredor, espaço escolhido para a mostra dos trabalhos, tem suas paredes cobertas, seu piso forrado e torna-se grande aos olhos dos que montavam e também dos que o visitaram: estava repleto de sonhos, ideias, olhares, percepções, falas, técnicas, cores, linguagens, tamanhos, formatos, histórias, arte, cultura e vida!

Foi um momento de encontro, de celebração, de oportunidade de aproximar o público das manifestações artísticas e de compartilhar a produção com o outro.

Os saberes tradicionais se aliaram aos saberes atuais e tecnológicos. Por meio deles se expressar, crescer, compartilhar e, assim como Portinari, apresentar seu entorno, seu modo de vida, seu olhar, sua sensibilidade e a riqueza da Arte.

Materiais e linguagens simples e rústicas entrelaçaram-se ao acadêmico, ao formal. A escola abria seus portões a todos que quisessem vir, aproximando-se mais ainda da comunidade na qual está inserida e da comunidade à qual atende. A escola abria-se à riqueza do conhecimento e ficava ao alcance de todos.

Além disso, o relacionamento entre alunos, professores, funcionários e direção, mudou de perspectiva deslocando-se do individual para um trabalho coletivo e colaborativo, convergindo energias e esforços para objetivos e ações comuns.

Voltando meu olhar para o resultado final do projeto e seu percurso, percebo que mobilizamos muitos, resolvemos problemas e situações adversas usando criatividade, união e crença na proposta de um projeto didático em Arte. O patrimônio histórico/cultural material e imaterial da cidade e seus moradores, ganhou visibilidade e foi discutido, socializado, refletido, conhecido, apreciado e valorizado. A cultura e os costumes locais ultrapassaram os limites “da vergonha/da acomodação/do interiorano-caipira” e se tornaram conteúdos de estudos, mote de experiências estéticas e artísticas.

Nem que eu falasse/explanasse durante uma semana inteira sobre tudo o que



Figura 9 · Alunos de escolas públicas municipais visitando a exposição. Fonte: Própria.

Figura 10 · Professora e alunos apreciando as obras durante exposição. Fonte: Própria.

estudamos, vimos e fizemos, os alunos não teriam aprendido tanto como aprenderam experimentando e vivenciando eles mesmos, pois como nos diz Larrosa:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece... a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (Larrosa, 2001).

Em meu olhar de professora de Arte ficará para sempre registrado a história de um projeto que nasceu de um sonho e se transformou na realidade de muitos. Na memória ficarão os fatos vivenciados, as dificuldades enfrentadas, os figurinos emprestados, a tecnologia que às vezes falhava, os horários alterados, os lanches improvisados, os sábados e domingos dentro do ambiente escolar, os alunos incansáveis em sua ânsia de ver logo tudo pronto, as risadas, as lágrimas e principalmente o brilho nos olhos daqueles que puderam experimentar, ser tocados de forma tão especial.

Permanecerá a certeza do quanto a Arte: linguagem, expressão, comunicação, sensibilização, área de conhecimento, inerente ao Homem, pode concretizar sonhos, contar histórias, modificar pessoas, transformar lugares, unir saberes e apresentar idéias, sentimentos, pensamentos; ler e melhorar o mundo!!!

Referências

- Ferraz, Maria Heloisa C. T. & Fusari, Maria F. R. (2009) *Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições*. Maria Heloísa C. de T. Ferraz, – 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez.
- Larrosa Bondia, Jorge (2001) *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Campinas [Consult.2013-05-28] <http://miniweb.com.br/atuabilidade/info/textos/saber.htm>
- São Paulo (Estado) (2009) *Secretaria da Educação. Caderno do Professor: arte, ensino médio — 2ª série, volumes 2 e 4 / Secretaria da Educação; Coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Geraldo de Oliveira Suzigan, Gisa Picosque, Jéssica Mami Makino, Mirian Celeste Martins, Sayonara Pereira — São Paulo: SEE.*